

AGRICULTURA, MASOQUISMO E DESCONHECIMENTO

Para qualquer pessoa que conheça a realidade agrícola portuguesa e que a tenha acompanhado nos últimos 20 ou 30 anos, não deixa de causar o maior espanto, ouvir e ler, com grande frequência, frases do tipo, “já não há agricultura”; “acabaram com a agricultura”, “a PAC arruinou a agricultura”, o “cavaquismo entregou a agricultura”, “estamos completamente dependentes do exterior” “está tudo abandonado” e muitas outras com o mesmo sentido. Quem as diz são, muitas vezes, pessoas com responsabilidades públicas, comentadores ou políticos, muitos dos quais me merecem apreço pessoal e ou profissional.

Este bombardeamento da opinião pública, dura há anos e foi transformando numa verdade politicamente correcta. É favorecido por uma grande parte da comunicação social, por erros de percepção¹ e pela aceitação de muitos agricultores e de algumas das suas organizações, que julgam assim servir os seus interesses. Face a isto, o que pode a maioria dos portugueses fazer, senão acreditar?

E, no entanto, os factos e as estatísticas demonstram o seguinte:

- que nunca tivemos um sector **vitivinícola** ou **olivícola**, tão desenvolvido, tão moderno, com tanta qualidade e tão competitivo;
- que nunca tivemos um sector de **leite e lacticínios**, tão produtivo, tão eficaz e tecnicamente tão capaz;
- que nunca tivemos um sector **hortícola e horto-industrial** tão forte, tão diversificado e tão competitivo;
- que nunca tivemos um sector **frutícola**, tão modernizado, diversificado e produtivo, senão em todos, pelo menos em muitos dos seus segmentos;
- que nunca tivemos um sector **pecuário** (incluindo aves e ovos) tão produtivo e sustentável;
- que nunca produzimos **milho** com tanta eficácia técnica e económica, apesar da sua área global se ter reduzido;
- que nunca tivemos um sector **agro-industrial**, tão eficaz, tão moderno, seguro e competitivo, que aliás se transformou no subsector de bens transaccionáveis que mais contribui para o valor acrescentado da economia;
- que nunca tivemos um **sector florestal**, com um tão grande excedente exportador;
- que nunca tivemos uma rede de **matadouros** tão modernos, seguros e higiénicos, ou de **lagares de azeite**, ou de **adegas**, e muitas outras infra-estruturas, tão modernas e comparáveis como as melhores que há no mundo;
- que nunca produzimos tantas variedades e tão bons **queijos**, tal como **enchidos**, **presuntos** e outros produtos tradicionais;
- que nunca tivemos tanta **segurança alimentar**, tão **boas praticas agrícolas**, tanta **higiene** e tanta **segurança** no trabalho agrícola e agro-industrial.

Se tudo o que acabei de referir é comprovável, põe-se então a questão de se saber porque é que se diz exactamente o contrário e porque é que isso é tão bem aceite pela opinião pública. É um mistério a que não sei responder, a não ser pela nostalgia, em parte justificada, do agricultor das hortas, do auto-consumo e do sub-emprego, que

¹ Quando, por exemplo, se substitui uma seara de trigo por uma pastagem, sobretudo por uma pastagem permanente, a primeira ideia que se tem é de abandono.

produzia no país uma ideia de aproveitamento integral dos seus recursos e de ocupação do território.

É certo que houve uma redução importante na área e na produção de cereais, quase sempre substituída por prados e pastagens permanentes, ainda que, sobre isso haja uma história por contar e acções práticas por considerar.

É também verdade que reduzimos significativamente a produção de batata, de feijão e de grão e que abandonámos a cultura da beterraba, que apenas temporariamente produzimos, ainda que com sucesso.

Também é verdade que em quase todos os sectores, do vinho ao azeite, da fruticultura à produção pecuária, há segmentos modernos que continuam a coexistir com segmentos pouco eficazes, com problemas estruturais, tecnicamente pouco evoluídos e em crise permanente.

É certo que entretanto desapareceram muitos milhares de agricultores, por uma grande diversidade de razões. Ou porque eram detentores de parcelas agrícolas minúsculas, porque não tinham as mínimas condições naturais de produção, ou porque não conseguiram acompanhar a evolução técnica e económica da agricultura, ou porque, muito justamente, preferiram abandonar as suas vidas de miséria e de privação, substituindo-as por actividades que lhes asseguraram padrões de vida mais humanos, mais seguros e suportáveis.

Devemos nós penalizarmo-nos, ou, pelo contrário, regozijarmo-nos, por isso, pelo menos relativamente aos casos não associados a situações pessoais e familiares dramáticas?

Devemos nós ter saudades dos tempos em que poucos agricultores tinham água, luz e saneamento em suas casas, em que a grande maioria não podia mandar os seus filhos estudar, não tinha férias, se expunha a todos os perigos e em geral morria cedo? Parece que alguns têm saudades desses tempos. Não é o meu caso.

O que tem acontecido no nosso país é uma profunda alteração estrutural, com efeitos importantes, e nem sempre ideais no ordenamento do território, de que muitos não se apercebem, interpretando-a com o masoquismo e com a falta de rigor muito própria do nosso ADN colectivo, apesar de ser evidente o extraordinário aumento das produtividades, quer da terra, quer do trabalho.

Quererei eu, com os exemplos que menciono, dizer que está tudo bem e não há nada para fazer? Que não se pode fazer muito melhor? Que não há terras com potencialidade agrícola abandonadas? Que não há subsectores que vivem hoje situações muito difíceis, ainda por cima agravados com mais uma seca? Nem por sombras! O que quero é sublinhar, que, se continuarmos a dizer, e a deixar dizer disparates, a exagerar situações, jamais conseguiremos resolver os ainda grandes problemas que nos sobram e, pior do que isso, não conseguiremos manter o que já temos.

Se assim continuarmos, estaremos a dizer à sociedade e aos políticos que nos governam, que não vale a pena investir, que não vale a pena apoiar, que não vale a

pena ensinar, nem investigar, no sector agrícola. Se assim continuarmos, não são só os agricultores os prejudicados, é o país no seu conjunto, que se deprime, que esmorece e põe em dúvida que seja capaz de assegurar o seu futuro.

12/02/2012

Armando Sevinate Pinto
Agrónomo